

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Diamantino Simões

registada em 2008-09-09
por

Liliana Monteiro e Ana Cruz

Diamantino Simões

Diamantino de Jesus Simões nasceu em casa, nos Pardieiros, a 15 de Novembro de 1933. Filho de Ezequiel Simões Paixão e Gracinda de Jesus Simões. A mãe era dos Pardieiros, trabalhava na agricultura, e o pai trabalhava nas feiras. Diamantino recorda as brincadeiras da infância e a escola, onde andou até à terceira classe. Conheceu a esposa nos Pardieiros, era sua vizinha. Durante o namoro Diamantino esteve em Lisboa, “mantinha o namoro por cartas”. Após dois meses e pouco casaram. Tiveram um filho em Moçambique. Diamantino trabalhou pelo mundo, desde a Mata da Margaraça até Israel, em diferentes ofícios. Mas hoje é nos Pardieiros que reside.

Índice

Identificação Diamantino de Jesus Simões.....	4
Ascendência Ezequiel Simões Paixão e Gracinda de Jesus Simões.....	4
Infância "Nascêramos três no mesmo dia".....	4
Educação O lápis de pau, as lousas e a menina dos três olhos.....	5
Casa Uma pequena casa de xisto.....	6
Namoro "Do Carnaval à Páscoa".....	7
Casamento "Pedi a minha esposa em casamento logo no baile".....	7
Descendência "A vida do meu filho já foi de rei".....	8
Percurso profissional A trabalhar pelo mundo.....	11
Costumes Do trabalho às festas.....	13
Lugar A aldeia do antigamente.....	16
Sonhos "Tenho concretizado todos os meus sonhos".....	18

Identificação *Diamantino de Jesus Simões*

O meu nome é Diamantino de Jesus Simões, nasci em Pardieiros a 15 de Novembro de 1933 . Nasci em casa.

Ascendência *Ezequiel Simões Paixão e Gracinda de Jesus Simões*

O meu pai chamava-se Ezequiel Simões Paixão e a minha mãe Gracinda de Jesus Simões. Ela era de cá dos Pardieiros e ele era da Bobadela, Oliveira do Hospital. A minha mãe trabalhava cá nos Pardieiros na agricultura e o meu pai trabalhava nas feiras.

Cultivávamos de tudo, desde o milho às batatas, feijões, hortaliças, tomates... O tipo de agricultura que ela fazia era para nosso sustento. Não se vendia nada.

Tive quatro irmãos, três rapazes e uma rapariga. Somos cinco. Uma, que era gémea do meu irmão mais velho, morreu com 18 meses. Eu sou chegado ao mais velho.

Infância "*Nascêramos três no mesmo dia*"

Eu sei contar o princípio da minha vida antes de nascer. Quando a minha mãe me trazia dentro da barriga, vinha com um molho de lenha às costas e com o meu irmão mais velho preso no avental seguro pelos dentes. Chegou ali em cima, chama-se a pedreira, que foi onde ela acartou muita pedra para esta casa, lá lhe deu as dores ou rebentaram as águas ou o que foi. Quando chegou a casa perto da noute, foi quando me teve. A parteira ainda estava em casa de outra, que também tinha nascido antes de mim. E também tinha nascido outro de manhã. Nascêramos três no mesmo dia. Onde é que hoje há cá disso? A mulherzinha saiu de uma, foi para a outra, saiu da outra ainda foi para outra.

No meu Baptismo, o meu padrinho não foi aquele que foi comigo à igreja. Quem foi ao meu Baptismo foi um tio meu. O meu padrinho só me deu o nome, nunca me deu um foliar nem nada, porque ele estava em Lisboa e eu estava aqui.

Brincadeiras de crianças

Na minha infância brincávamos ao pilogalo, à cabra cega, com uns arcos feitos dos pipos, à cocha com uma pinha e jogávamos ao frado.

No jogo do pilogalo, a gente anda a correr uns atrás dos outros, depois agarra-se um, agarra-se o outro e fazem um cordão. Os rapazes estão todos seguidos e têm que andar no cordão para agarrar o outro que anda à frente. Os outros andam a fugir.

No frado, faziam uma cruz com três paus. Um estava a guardar o frado e o outro de além mandava com o pau para botar o frado abaixo. O que o estava a guardar, mandava com o pau ao ar para o outro ir para longe.

O jogo da cocha era jogar com uma pinha de um lado para o outro.

Educação *O lápis de pau, as lousas e a menina dos três olhos*

A escola era em frente à capela da Senhora da Saúde, no largo sem árvores nem nada. Era grande. Eu e os meus irmãos andáramos todos na escola. Fizéramos todos pelo menos o exame da terceira classe. As pessoas que andavam aqui na escola vinham do Sardal e do Enxudro. Chegámos a lá andar 40 e tal alunos e a ter as carteiras todas ocupadas. No ano em que eu fiz exame da terceira classe, éramos 14 a fazê-lo. Depois, ainda estive cá um tempo a trabalhar no campo até que chegasse aos 15 anos, mas já fui fazer os 15 a Lisboa.

Quando saía da escola ia-se ainda para o campo trabalhar, pelo menos no Verão. No Inverno já não dava. E muitos dos dias, ainda antes de ir para a escola, ia levar uma cesta de estrume para o campo. Muitas das vezes não ia com muita vontade mas tinha que ir, porque os meus pais me obrigavam e eu tinha que obedecer.

Quando andávamos na escola, fazíamos uns arcabuzes com rolhas e uma vareta e depois aquilo dava um estoiro. Houve um que ainda foi bater com a rolha na professora e a canalhada depois ainda ficou de castigo e tudo. Às vezes levavam reguadas ali nas mãos com, chamavam eles, a menina dos três olhos, que não era brincadeira. Então as mãos ficavam ali quase que a escorrer sangue. Os miúdos também arranjavam varas grandes para pôr no quadro. Os que as levavam eram os primeiros a estreá-las.

O material que usávamos na escola era o lápis de pau, o lápis de pedra, as lousas de pedra e dois cadernozitos, um de quadrados para fazer as contas. Havia

o livro conforme se ia subindo de classe: da primeira classe, ou se passávamos da segunda ou da terceira. Eu nunca comprei o da quarta, mas já tínhamos o que não há hoje na escola. Sabíamos de problemas e sabíamos de contas. Eu fazia contas e resolvia problemas. Fazíamos desenhos e tudo. Agora não. As crianças não aprendem nada na escola em comparação com o que a gente aprendia. Até à terceira classe sabíamos os rios todos, as ilhas, os reinados, sabíamos tudo isso.

Casa Uma pequena casa de xisto

A casa onde eu morava não era das piores, porque o meu pai trabalhava muito e trazia sempre uns tostões. A casa era pequenina e feita de xisto. Não era rebocada nem por dentro nem por fora, era só o soalho e as paredes eram completamente negras por causa do fumo da cozinha. Cozinhavam, mas não era no fogão, era no chão, na lenha. Tinha um primeiro andar, um quarto, uma cozinha e uma loja por baixo. Tinha também uma sala, onde dormia a minha mãe. A minha irmã, que era a chegada à mais nova, dormia na loja a um recanto com uma prima direita minha, que era sobrinha da minha mãe. Depois eu também tive de ir para lá para a loja mais o meu irmão.

"Problema mais bonito"

Quando tinha eu 10 anos, acartei muita pedrazinha à cabeça e às costas à frente das mulheres para construir outra casa aqui. Depois dormíamos numa casa aqui na povoação. Aí essa é que foi o pior da festa. Como era um rapaz novo e miúdo a gente, já se vê, fartos de trabalhar de sol a sol. Saía-se de casa de noute e entrava-se de noute. Um dia, vinha eu da pedra e cheguei por volta das dez, 11 da noute, com uma dor de barriga que não era brincadeira. O meu pai ainda me deu duas palmadas ou três e eu larguei-me a chorar e vou para ao pé da minha mãe. Ela, já se vê, agarrou-me e foi-me deitar, mas nessa casa é que era o problema mais bonito. Um gajo conforme se deitava de noute, dormia sempre amassado e era a coçar, a coçar, a coçar por causa dos percevejos. Desde o ombro até ao cotovelo, praticamente, era uma ferida completa. Como estava sempre deitado do lado direito, eles não me atacavam tanto o outro braço. À noite puséramos folhas de feijoeiros em cima do colchão e quando a gente acordava, ao outro dia de manhã, as folhas estavam completamente cobertas de percevejos. Depois fugíramos dali e fôramos dormir para baixo para a loja, porque a outra casa andava em construção. Quando a outra casa estava boa, fôramos então para lá. Foi quando nasceu o irmão mais novo que tenho hoje. Foi no dia em que ele nasceu.

Namoro "*Do Carnaval à Páscoa*"

Nos namoricos da altura não havia abusos. Era a namorada na cozinha e ao pé dela o pai e a mãe. Nos bailes os rapazes dançavam com as raparigas e com as namoradas e as namoradas com eles. Eu sabia dançar e gostava de dançar, mas nunca andei a dançar com maldade nos bailaricos.

Conheci a minha esposa aqui nos Pardieiros. Ela era minha vizinha. Durante o tempo em que namorei com ela estive em Lisboa. Nesse tempo nem telefone havia. Mantinha o namoro por cartas. Também só namorei dois meses e pouco. Foi do Carnaval à Páscoa. Durante esse tempo era eu que escrevia e lia as minhas cartas. E era também ela que escrevia e lia as cartas dela. Comecei a namorar tinha já uns 24 anos e casei-me com 25.

Casamento "*Pedi a minha esposa em casamento logo no baile*"

Pedi a minha esposa em casamento logo no baile. Perguntei-lhe se ela entendia que gostava de mim. Ela respondeu-me que ia falar com o pai e com a mãe e depois ao outro dia disse-me que sim. Aqui era assim.

Nas vésperas do meu casamento ia-lhe esfregar a cara na brincadeira e ela fugiu, julgando que eu lhe ia roubar um beijo.

Foi ela e os pais que trataram dos preparativos todos do casamento. Eu comprei as alianças e paguei o vestido dela. Estava em Lisboa, não tratei de nada, mas vim oito dias antes do casamento.

Ia vestido com um fato preto, camisa branca e gravata. Naquele tempo não se usava chapéu. Eu ia um moço assim à maneira. A minha mulher ia de vestido e véu.

Casei-me na Benfeita. Nessa altura a estrada ainda só chegava à Nossa Senhora das Necessidades. Fui com uma carrinha até ali, que um patrão de um irmão meu me emprestou. Parei e tive que vir a pé com as malas que trazia. Quando fui de volta, fui novamente com as malas às costas, eu e a minha mulher. Fomos a pé pela estrada velha. Ao meio da povoação, há um caminho dos carros de bois. Atravessava-se uma ribeira por cima de uma ponte, continuava-se o caminho dos carros de bois até chegar lá adiante ao pé da Nossa Senhora das Necessidades. Descia-se no São Bartolomeu, na Santa Rita. Onde estão agora umas escadarias, nesse tempo era uma calçada e a gente descia por aí até à igreja pelo caminho dos carros de bois. Demorávamos não chegávamos a meia hora a

ir daqui para baixo e a vir para cima. A minha futura esposa foi comigo e veio comigo. Não é como agora, que um espera na igreja. Depois voltámos para os Pardieiros para comer. Comêramos ali no meio da povoação, numa casa que já está modificada e que era precisamente por trás da casa onde eu vivi.

Quem preparou a comida foram as mulheres. Foi a minha mãe, a minha sogra e mais duas ou três pessoas que ajudavam a fazer a comida. Havia comida para quase oito dias. Faziam os coscoréis, tigelada, arroz-doce, fressuras, carne fresca, batatas fritas, outras vezes estufadas, e pão de milho. Era tudo feito mais especial para o dia do casamento. De prenda de casamento, o meu padrinho deu-me 150 escudos.



Casamento de Diamantino e Maria Fernanda (4 de Abril de 1959)

Descendência "A vida do meu filho já foi de rei"



Jorge Simões (4 anos), filho de Diamantino

Tenho um filho. Quando veio de Moçambique para Portugal tinha 16 anos. Depois foi para a escola, mas tinha sido o 25 de Abril há pouco tempo e na escola não havia disciplina nenhuma. Ele vinha habituado a disciplina. Nem cabelo comprido nem nada. Todos os meses, ou todas as semanas, ia o inspector ver como é que estavam os alunos. Àquele que trouxesse o cabelo mais comprido, dizia logo:

- "Amanhã quero-te ver lá no meu escritório. Quero ver se esse cabelo ainda vem na mesma."

E eles tinham que ir cortar. Quando ele mandava tinham que lá ir ao escritório mostrar como é que estava o cabelo, como é que não estava.



Jorge Simões (12 anos), filho de Diamantino

Quando ele entrou na escola em Lisboa, já não foi no princípio das aulas. Foi para o fim da sala com o último. Os outros faziam barulhos e falavam muito. A professora estava a explicar as coisas e ele não conseguia apanhar. Era só quando estava a ler Inglês é que não piavam a ouvir. Ele agarrou, chateou-se e não quis estudar mais. Trazia o oitavo ano de lá e ficou assim. Agora é guia de turismo. Mora aqui e lá nos hotéis. Vem de 15 em 15 dias. Praticamente trabalha e comunica com a companhia tudo pela Internet. A vida do meu filho já foi de rei. Ele bota as mãos a tudo e gosta. Praticamente tem levado uma vida 99,5% melhor que a minha.



Jorge Simões (45 anos), filho de Diamantino

Percurso profissional *A trabalhar pelo mundo*

Trabalhei como carpinteiro na Mata da Margarça e andei lá na apanha da azeitona.

Andei a reconstruir toda aquela casa que lá está na Mata da Margarça. E nessa casa que reconstruí ainda tive lá um acidente. Estive mais três meses sem fazer nada. Escorregou-me a escada, bati com o rabo no chão e esmaguei uma vértebra no fundo da espinha. Mais tarde, torno a cair lá em baixo, rente à ribeira, de cima de uma casa para baixo, para a loja. Mais duas vértebras. O disco esmagou, mas a medula nunca se separou.

Depois andei também a apanhar a azeitona numas oliveiras mesmo ao pé do largo. Parte a pernada, só me viram no ar e diz um:

- "Ai! Que ele matou-se!"

Levantei-me, mas como estava assim azamboado com a queda, torno a cair num degrau. Vou para o hospital e fico mais três meses sem fazer nada. Tinha estado três meses enquanto estive na Mata. Depois dali estive outros três sem fazer nada. Passados esses meses, comecei a trabalhar, a fazer algumas coisas.

Trabalhei também como carpinteiro em Monte Frio e em Israel. Em Israel, só andei dois ou três meses de carpinteiro e depois passei a encarregado. Trazia nove homens comigo e comigo éramos dez. Era encarregado, porque sabia falar um bocado de inglês e eles viram que eu não era burro a fazer o trabalho e deram-me logo a *chance* como encarregado.

As pessoas daqui migravam quase todas para Lisboa. Ainda foram alguns para o estrangeiro, para Moçambique. Eu também fui para Moçambique mais um cunhado meu, que era irmão da minha mulher, a mulher dele e a filha.

Quando fui para Lisboa fui morar numa casa onde estavam mais pessoas daqui dos Pardieiros. Era um género de uma casa da malta. Éramos praticamente nove. Por baixo, morava um casal e uma irmã do casal. Em cima, no sótão, eram só homens. A gente dormíamos parecia que íamos para apanhar as azeitonas. Quando era de Verão era quente que não era brincadeira. De Inverno era frio. Eu agarrei, comprei uma resma de cartão e forrei aquilo tudo. Aí o dono, que era o nosso senhorio, pagou. A gente também pagávamos pouco, 20 escudos por mês cada um. Depois já não era tão quente no Verão e já não era tão frio no Inverno. Cozinhávamos todos na mesma cozinha, mas cada um fazia a comida para si. Ali cada um comia aquilo que queria e lhe apetecia.

Nessa casa da malta onde estive em Lisboa, atacavam as pulgas e se não fosse eu, ninguém matava uma. Elas eram tantas ou tão poucas que eu despia-me todo e ia mexer nas coisas num lado e no outro para as pulgas virem para mim. Quando ia a ver, quase pareciam formigas por mim acima. Toca a esfregá-las e matá-las. Às vezes matava ali 100, 150 enquanto o "Diabo esfregava um olho". Matava quantas visse, porque eu estava ali e elas atraíam-se sempre para mim.

Costumes *Do trabalho às festas*

A apanha da azeitona

Na apanha da azeitona, arma-se a escada, estendem-se os panos por baixo, chamamos nós os fardos, e então começa tudo a "repigar"¹ à mão. É muito raro, mas às vezes pode-se levar uma vara para onde não se chega. Agora já se usam uns "repigadores"² com uns ganchinhos, mas são poucos os que os usam. Os homens levavam aquilo às costas para os carros de bois, que iam por a estrada velha, lá para baixo, para a Nossa Senhora das Necessidades, onde havia um lagar. Ainda lá existe, mas já não mói há perto de 40 anos. Agora, há lagares modernos, desses antigos já não há nada. Depois juntava-se a azeitona toda e punha-se-lhe sal, havia até umas tulhas próprias. Era cavada, às vezes com um ancinho, e ensacada. Os homens enchiam os sacos grandes. Calcavam com uma cavaca sacos com cento e tal quilos de peso. Lá no próprio lagar, moem a azeitona separada. Quando não moem separada, pesam a de uma e de outra e é toda moída junta. Depois pelo peso da azeitona, pelos quilos que levarem de azeitona, dividem o azeite.

As festas

Quando era rapaz novo, na festa de São Nicolau e da Senhora da Saúde, a única coisa que cá vinha era a música e chegava bem para dançarem. A música chegava por volta das nove até às dez e tal. Faziam a missa e a procissão. Depois da procissão, vendiam as ofertas e depois das ofertas havia o leilão da Irmandade. Nesse tempo era só o leilão da Irmandade, agora tem o da Comissão também. Seguia-se a música até à meia-noute. Um dava comida a um músico, outro dava comida a dois, conforme as posses das pessoas e assim passava-se a festa. Havia menos andores do que há agora. Não ia o Santo António e a Rainha Santa Isabel. Faziam tudo pelo caminho do carro de bois. As mordomas eram duas raparigas solteiras. Elas é que enfeitavam os andores. Havia também dois casados que faziam a festa. O mordomo é escolhido pelo mordomo do ano anterior. Ele pode recusar, mas nunca acontece. O mordomo tem que ir falar com o padre, tem

¹apanhar azeitona da oliveira

²instrumentos para apanhar a azeitona da oliveira

que organizar a festa e tem que a enfeitar. Agora fazem peditório, mas antes era o mordomo que fazia a despesa. Já chegaram aí a pagarem os dois mordomos quatrocentos e tal contos cada um, aí há 10 anos.

Os andores saem dali da capela. Depois dão a volta pelo fundo da povoação, vão ao meio da povoação e em cima, ao Outeiro, vêm por ali abaixo novamente, vêm à carreira dar a volta à Senhora da Saúde e regressam à capela. Depois ao outro dia, ainda vem outra vez a Nossa Senhora da Saúde, de lá trazem-na para a capelinha dela.

No leilão, são as pessoas e os mordomos que dão as coisas para serem leiloadas. Uma pessoa dá uma coisa, outra dá outra, uma dá um bolo, outra dá uma garrafa de vinho. Eu costume dar todos os anos um frasco de mel.

Pelo Santo António, iam às casas roubar os vasos uns aos outros e levavam-nos ali para a fonte, para o chafariz e para a praça. Entravam pelos portões fechados e estavam sujeitos a levarem ali uma trancada.

Queimar o gato

Com um pinheiro alto, faziam um mastro. Depois punham as galhas cheias de tojos pelo pinheiro acima. No fundo punham uma quantidade de silvas e na ponta punham um gato num cântaro. Lançavam o fogo cá em baixo às silvas e o pinheiro, por ali acima, era todo em chamas. O gato estava lá na ponta do pinheiro num cântaro atacado com um nagalho. Aquilo queimava-se, o gato caía cá em baixo... Ah! Pernas para que te quero. Ia-se meter logo num poço, que havia no meio da povoação. Ia lá tomar banho. A malta toda com paus a ver se ainda lhe davam para andar mais depressa. Eu andava com os outros. Também ajudava.

Serrar a velha

Serrar a velha é pela Quaresma. Nessa altura, nós dizíamos:

- "Ó, velha! Já te vai a chegar ao nó! As tábuas já deitam pó!"

E serrávamos, às vezes, uma cortiça ou uma lata para fazermos mais barulho. A minha mulher tinha uma avó, chamava-se Glória. Essa não se zangava, agarrava na candeiazita do azeite vinha para a entrada da porta e fazia:

- "Uhu! Uhu! Uhu!"

Vinha para o pé da porta ainda alumiar à malta. Depois iam-se embora. Viam que ela não afinava e iam embora. Mas havia aí outras que se zangavam que eu sei lá.

Os colhereiros

Já quase não há ofícios nos Pardieiros. Ainda há as colheres de pau, mas também está a acabar. Mais meia dúzia de anos e também acabam. Cá chegaram a andar 40 e tal pessoas a faze-las. Havia aí uma casa em que eram cinco filhos a fazer colheres de pau.

Nem já cá há um pedreiro em condições para fazer pedra nem nada. Eu sou capaz de fazer. Faço parede em condições como um pedreiro qualquer que só fazia esse serviço. Fui eu que construí a casa da Mata. Eu de pedreiro e o outro do Enxudro. Agora tenho andado a fazer umas paredes. Todas feitas por mim com a mulher a chegar-me a pedra.

"Eu crio abelhas que produzem mel"

Eu crio abelhas que produzem mel. Para tratar das abelhas, há que crestá-las. Crestar é tirar-lhe os favos ou os quadros. A gente corta aquilo com uns garfos próprios ou com uma faca, chama-se "desapercular", depois põe-se no centrifugador, dá-se à manivela e sai o mel. Primeiro era tudo esmagado à mão, depois mandei fazer uma prensa que ainda me custou 15 contos, mas agora tenho uma centrifugadora para os quadros das colmeias. Não se tira o mel todo. Fica lá uma porção para elas. Quando vou crestar, tenho que dar fumo por baixo para elas me deixarem trabalhar, porque elas ferram. Uma colmeia tem dois quadros de cada lado, ou mais, cheios de mel. Elas só fazem mel no centro do quadro, um bocado em redondo. Põem os ovos e começam a medrar. Depois, de um lado, saem as abelhas, do outro zangões que é para irem reproduzindo a colmeia. Só produzem mel as obreiras que são as que estão a trabalhar para cá e para lá. As outras são as que arrumam a casa. Outras estão à porta quando está muito calor a fazerem vento para refrescarem a colmeia e o cortiço. Umas têm um trabalho e outras têm outro.

"A justiça de Deus descobriu"

Contavam a história de um rapaz que namorava uma rapariga e que a desonrou. Noutros tempos, isso era mau, mas ele andava com ideias de casar com ela. Por mal, um da família dele, chamou-o ali numa fazenda para comer

e beber. Estiveram, estiveram até o rapaz lhe dar o sono e adormecer. Antes de o matarem, disse um para o outro:

- "Não o matem. Deixa-o lá. Não, não o matem."

- "Então, para que me chamaste aqui?"

Depois, um mau tinha lá um machado, deu-lhe uma machadada e matou o rapaz. Meteram-no lá para um chão, chama a gente um chão. Eu até cultivei essa fazenda com os meus pais. Fizeram um recanto grande, puseram um grande monte de estrume em cima e ninguém o via. As pessoas para irem para outros terrenos, passavam lá e viam muitas moscas. Por onde ele tinha passado tinha ficado sangue, mas as pessoas tinham medo de falar e não falavam. O pai dele andou sempre na justiça a ver se descobria quem é que o tinha morto. Eles desconfiavam, mas não viram e não podiam estar a acusar o homem. Então o pai dele foi a Arganil ao tribunal. Já tinha passado não sei quanto tempo e nada. Ele veio de lá do tribunal, ajoelhou-se no chão e pediu a Deus:

- "Já que a justiça da terra não descobre onde está o meu filho e quem o matou, a justiça divina me faça esse favor e me descubra a morte e onde está o meu filho."

Nesse mesmo dia pôs-se uma trovoadas muito grande. Tudo cheio de nuvens de trovoadas. Só choveu lá. Destes lados não choveu nada. A chuva foi tanta, a água foi tanta que levantou o estrume e o corpo. A terra trouxe pela ribeira abaixo as roupas dele e ficaram ali nos paus a andar de um lado para o outro. A justiça de Deus descobriu.

Lugar A aldeia do antigamente

Em primeiro, cá na aldeia, não havia telefone, água ao domicílio, electricidade, estrada nem esgotos. Aqui na aldeia, no tempo do meu pai, ainda cá teve uma mercearia e vinhos. Vinham numas mulas e outras vezes à cabeça da Benfeita para cima, porque até à Benfeita não havia estrada. Da Benfeita para cima, a estrada só foi feita no ano em que eu me casei. As deslocações na aldeia eram todas feitas a pé. Sempre que tínhamos que ir a algum lado, que não fosse aqui em Pardieiros, íamos a pé até à Benfeita e ao Monte Frio. Depois de Monte Frio, já se ia na camioneta até Santa Comba. Lá deixávamos a camioneta e íamos no comboio para Lisboa. Pela Benfeita havia uma camioneta até Côja e depois de Côja tinha uma ligação para Coimbra.

Nazaré, a parteira

Quem fazia os partos antigamente, era uma velhota curiosa aqui de Pardieiros, chamada Nazaré. Chamavam-lhe curiosa, porque sabia fazer o trabalho.

Aqui nunca houve essas coisas de curandeiras de chás, mas tomava-se o chá de certas ervas. Só se ia ao médico quando se estava quase a morrer. Praticamente não vinha aqui médico nenhum. Quando era necessário, o médico vinha numa mula. Só vinha um senhor da Benfeita, que era um tio da minha mulher, que se chamava tio José Augusto Pinto. Era muito entendido. Só tinha o exame da terceira classe e era barbeiro, mas foi ajudante de enfermeiro na tropa. Chamava-se primeiro a ele, se não quisesse ficar responsável, ele próprio chamava o médico. A maior parte das vezes vinha sempre com o médico. Quando era necessário vir ele vinha numa mula. Conforme o médico examinava, ele auscultava as pessoas e mandava pôr ventosas. O que ele receitasse, o médico não receitava outra coisa. O médico perguntava:

- "Quem é que mandou? Quem é que recebeu isto?"

- "Foi o senhor José Augusto Pinto."

E ele então dizia:

- "Continue a tomar os medicamentos, conforme o senhor José Augusto Pinto disse."

Capela dos Pardieiros

A capela aqui de Pardieiros era entre onde está a capela hoje e onde está a cameleira. Era muito mais pequena. Agora está virada com a porta para aqui, mas em primeiro era virada para o outro lado. Ao lado da capela era só uma ruazita, só caminhos de carros de bois. Também havia outra casa entre a Casa do Povo e a cameleira mas tudo isso foi botado abaixo para ficar aquilo mais amplo. Cortaram também abaixo uns barracões que lá havia e tudo.

O que eu conheço cá mais típico são as árvores. A coisa mais típica que há cá na povoação é o azevinho e aquela árvore que está ali à Carreira, o azereiro. Este azereiro grande é a coisa mais típica de cá, a não ser a Fraga da Pena. Há também os moinhos, mas praticamente já não há nenhuns. Têm botado tudo abaixo. Só eu é que ainda conservo o meu.

Sonhos "*Tenho concretizado todos os meus sonhos*"



Diamantino, filho Jorge e esposa Maria Fernanda

Eu, graças a Deus, tenho concretizado todos os meus sonhos. Nunca tive a mania de ser rico, só pretendo ter de comer e beber e, graças a Deus, isso tenho arranjado sempre. Nunca tive a mania das riquezas. Nunca tive heranças como muitos têm, porque se as tivesse também as sabia dirigir. Se pudesse ser rico tudo bem, mas nunca tive possibilidade para isso. Só tenho vivido à custa do meu suor.